



Brasília, 11 de julho de 2023

Ao Excelentíssimo Senhor

Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República Federativa do Brasil

Senhor Presidente,

Para o corpo diplomático brasileiro, a eleição de Vossa Excelência, em outubro de 2022, significou a renovação da confiança em um Brasil reintegrado à cena internacional com dignidade e profundo compromisso com a diplomacia. Completados seis meses de seu mandato, é sonoro o eco de que “O Brasil voltou”.

2. Para as mulheres diplomatas brasileiras, a sua posse, em 1º de janeiro de 2023, foi o sinal para lançarmos publicamente o propósito de darmos à diplomacia brasileira também um rosto de mulher. O inequívoco compromisso de Vossa Excelência com o combate às desigualdades e, mais especificamente, sua mensagem de que “as mulheres devem ser o que elas quiserem ser, devem estar onde quiserem estar” nos inspirou a fundar, em 16 de janeiro de 2023, a Associação das Mulheres Diplomatas Brasileiras (AMDB). Somos a primeira associação de mulheres em carreiras de Estado e assemelhadas do Brasil. Nosso principal objetivo é o de fazer avançar a paridade de gênero no Itamaraty e na sociedade em geral, não esquecendo as minorias entre as mulheres – as negras e indígenas.

3. Em 2023, aplaudimos a indicação, pela primeira vez, de uma mulher diplomata para ocupar a Secretaria-Geral das Relações Exteriores, Embaixadora Maria Laura da Rocha. Enaltecemos, igualmente, a primeira indicação de uma mulher diplomata para ocupar a chefia da Embaixada do Brasil em Washington, Embaixadora Maria Luiza Viotti. Apreciamos muito as palavras do nosso Chanceler, Ministro Mauro Vieira, ao fazer em seu discurso de posse, e pela primeira vez na história do Itamaraty, diagnóstico preciso acerca da “sub-representação crônica de pessoas negras e mulheres (que) distancia o perfil da diplomacia brasileira da sociedade que representa”. Foi encorajador ouvir compromisso do Chanceler no sentido de buscar “recrutar mais mulheres, negros, indígenas e pessoas de diversas regiões do Brasil para o Serviço Exterior, em particular para a carreira de diplomata” e “ampliar sua presença em cargos de liderança”.

4. Concluídos o primeiro semestre de 2023 e o movimento inicial de reorganização do Ministério das Relações Exteriores, tanto em suas representações no exterior, quanto em Brasília, as mulheres diplomatas têm, no entanto, pouco a celebrar. Identificamos que, apesar do discurso favorável à valorização das mulheres diplomatas, os avanços ainda são parcos na pauta de promoção da diversidade e da inclusão no Itamaraty, em particular no tocante ao

recrutamento de mulheres, inclusive mulheres negras e indígenas, e à ampliação de sua presença em cargos de liderança.

5. Em Brasília, no segundo escalão do Ministério, de dez secretarias, apenas duas são ocupadas presentemente por mulheres (20%). Em cargos de chefia (divididos em 3 níveis), as mulheres representam 27,5% (chefias de divisão), 25,6% (chefias de departamentos e assemelhados) e 26,6% (chefias de secretarias, assemelhados e gabinetes). Esses números são praticamente a proporção de mulheres na carreira diplomática, que é hoje de 23,5%. Tais percentuais estão muito longe da paridade à qual almejamos.

6. No exterior, as mulheres estão absolutamente ausentes da chefia das principais representações diplomáticas brasileiras, conforme quadro anexo. Dos 9 (nove) postos com previsão de lotação de 15 (quinze) diplomatas ou mais, apenas um, a Embaixada em Washington, é chefiado por uma mulher. Se levarmos em consideração os 26 postos para 10 (dez) diplomatas ou mais, novamente apenas Washington é chefiado por uma mulher. Ou seja, a chefia das principais representações diplomáticas brasileiras no exterior está entregue quase exclusivamente a homens, em sua maioria brancos.

7. Os registros acima são, em grande medida, resultado das indicações para chefias de representações diplomáticas feitas na atual gestão do Itamaraty. Das 50 (cinquenta) indicações divulgadas ao longo deste ano, apenas 7 (sete) são mulheres, o que corresponde a 14% (quatorze por cento) do total, conforme quadro informativo também anexo.

8. Não menos importante, cabe ainda registrar que, no edital recém-lançado para o próximo Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD), ou seja, para ingresso ao Instituto Rio Branco, não foram previstas cotas ou qualquer outro mecanismo de admissão que privilegie o ingresso de mulheres, inclusive indígenas. Enquanto aguardamos a paridade no ingresso e o consequente fluxo funcional com igualdade de oportunidades, a AMDB, por sua vez, vem enfatizando a necessidade da adoção, no MRE, de medidas afirmativas em benefício das mulheres, seja para ingresso no CACD, seja para promoções e para indicações aos cargos de chefia, no Brasil e no exterior.

Senhor Presidente,

9. Trazemos, portanto, ao conhecimento de Vossa Excelência o registro dos desafios que as mulheres diplomatas brasileiras seguem encontrando para estar onde desejam estar e nos lugares para os quais destinaram seus melhores esforços de formação e suas vocações. Estamos convencidas de que um número bastante expressivo de mulheres aspira tornar-se diplomata. Nossa impressão é a de que as barreiras de gênero e raça presentes na carreira impedem, na prática, que essas mulheres sigam o seu sonho de figurar nas fileiras diplomáticas.

10. O movimento de mulheres na diplomacia brasileira tem quase dez anos de história. Com coragem, ousadia, espírito coletivo e, sobretudo, reiterado compromisso com o serviço público brasileiro, vimos buscando, ao longo desse período, junto às mais altas chefias do Itamaraty, a lideranças no Congresso Nacional e na sociedade civil, reverter as condições estruturais que há um século sonegam à mulher diplomata justas oportunidades de presença e visibilidade entre os quadros diplomáticos brasileiros. A criação da AMDB é, portanto, o mais recente – e talvez o mais esperançoso – movimento das mulheres diplomatas brasileiras orientado nesse sentido e integra um fenômeno internacional de organizações de mulheres na diplomacia, com exemplos robustos na América do Sul (Chile), América do Norte (Canadá), Europa (França) e Oceania (Nova Zelândia).

11. Na qualidade de Presidenta da AMDB, que representa hoje 240 (duzentas e quarenta) diplomatas e o equivalente a dois terços das diplomatas brasileiras na ativa, encareço o apoio de Vossa Excelência à promoção da equidade de gênero no Itamaraty. Trata-se de pleito orientado para a qualidade e a representatividade do serviço público brasileiro, que deve ter a cara de seu povo. Eu e as associadas da AMDB nutrimos a legítima expectativa de que, ainda em sua gestão como Presidente da República, o Itamaraty poderá traduzir em realidade o discurso de sua posse, demonstrando que a mulher diplomata chegou ao lugar em que ela sonha, deseja e confia poder estar.

Respeitosamente,

Embaixadora Irene Vida Gala

Presidenta

Associação das Mulheres Diplomatas Brasileiras



Instagram: @mulheresdiplomatasbrasil

Twitter: @AMDB_oficial

Site: mulheresdiplomatas.org

Anexos: 02